

A presença de deuses estranhos em águas africanas - uma leitura de um conto de Pepetela ou uma leitura anti-camoniana

p. 46 - 54

Melina Galete Braga Pinheiro¹

Resumo

Este artigo apresenta a maneira como o ex-colonizado vê o ex-colonizador português, a partir de alguns textos do escritor angolano Pepetela, principalmente o conto “Estranhos pássaros de asas abertas” (2003) [2]. Este será comparado à epopeia *Os Lusíadas* (1572) [3], de Luís de Camões. A partir da ideia de estranhamento, será apresentada uma reflexão sobre alteridade, utilizando como exemplo a presença de deuses da mitologia romana em África, em *Os Lusíadas* e contestada no conto de Pepetela. Os deuses terão atenção especial, principalmente Kianda, deusa das águas africanas, ao falar sobre o conflito divino no conto. Outro texto utilizado para pensar Kianda e outros deuses neste artigo será *O desejo de Kianda* (1995) [4], também do Pepetela.

Palavras-chave: Estranhamento; Deuses; Pepetela; Camões.

THE PRESENCE OF FOREIGN GODS IN AFRICAN WATERS – A READING OF PEPETELA’S SHORT STORY OR AN ANTI-CAMONIAN READING

Abstract

This article shows the way that the ex-colonized sees the former Portuguese colonists, based on some texts of the Angolan writer Pepetela, especially the short story “Estranhos pássaros de asas abertas”. This will be compared to the epic poem *Os Lusíadas* of Luís de Camões. From the idea of defamiliarization, a reflection on alterity is presented, using as an example the presence gods from the roman mythology in Africa, in *Os Lusíadas* and contested in Pepetela’s short story. The gods will have special attention, primarily Kianda, goddess of the African waters, when talking about the divine conflict in the story. Another text used to talk about Kianda and other gods in this article will be *O desejo de Kianda* also written by Pepetela.

Keywords: Defamiliarization; Gods; Pepetela; Camões

Introdução

“[...] a cultura é absolutizada, transformada em uma segunda natureza praticamente imutável, tornando-se

a instância determinante para explicar não qualquer fato social, mas preferencialmente aqueles que dizem respeito a agrupamentos humanos considerados estranhos ou, até mesmo, numa versão mais preconceituosa, inferiores” (Adriana Facina, 2004).

1 Mestranda em Línguas, Literaturas e Culturas – Estudos Portugueses na Universidade de Aveiro (Portugal), com tese sobre literatura *crossover* no romance *A vida no céu*, de José Eduardo Agualusa, sob orientação da Professora Doutora Ana Margarida Ramos.

2 “Estranhos pássaros de asas abertas” foi publicado em 2003 no jornal *Expresso*, de Lisboa, e posteriormente publicado no livro *Contos de morte*, em 2008. A edição aqui utilizada é a coletânea de contos *Como se viver fosse assim*, organizada pela União dos Escritores Angolanos em 2009, e que reúne contos de diversos escritores de Angola.

3 A edição de *Os Lusíadas* utilizada é a da Porto Editora de 2011, organizada por Emanuel Paulo Ramos.

4 A edição utilizada é de 1997, segunda edição

Em “Estranhos pássaros de asas abertas” (2003), do escritor angolano Pepetela, é evidente e intencional a intertextualidade com o Canto V d’Os Lusíadas (1572), de Luís de Camões. Nesse canto, Camões narra o primeiro contato de Vasco da Gama, navegador português, e seus companheiros lusos com os africanos, tratand-os como estranhos, brutos e selvagens. Pepetela contesta essa ideia e apresenta os portugueses como “os outros”. A ideia de alteridade será apresentada neste artigo a partir de reflexões e leituras de outros textos do mesmo autor, - nos quais ele aborda igualmente a ideia de que o outro nem sempre é o africano, - e de alguns textos teóricos que também auxiliarão na reflexão sobre os tópicos levantados relativos ao tema proposto.

Luís Vaz de Camões nasceu em Portugal, no século XVI, não se sabe ao certo o ano, em um dia igualmente desconhecido. Pouco se conhece também sobre o começo de sua vida e muito se conta sobre ela, o que não impediu que ao escrever valiosas obras ele se tornasse o mais importante poeta português de todos os tempos. Jorge de Sena, no poema “Camões dirige-se aos seus contemporâneos”, faz alusão ao fato da canonicidade camoniana, da sua celebridade séculos após sua morte, mesmo com a dúvida sobre passagens da sua vida e até mesmo seu desconhecimento tumular:

Podereis roubar-me tudo
as ideias, as palavras, as imagens,
e também as metáforas, os temas, os
motivos,
os símbolos, e a primazia
nas dores sofridas de uma língua nova,
no entendimento de outros, na coragem
de combater, julgar, de penetrar
em recessos de amor para que sois
castrados.
E podereis depois não me citar,
suprimir-me, ignorar-me, aclamar até
outros ladrões mais felizes.
Não importa nada: que o castigo
será terrível. Não só quando
vossos netos não souberem já quem sois

terão de me saber melhor ainda
do que fingis que não sabeis,
como tudo, tudo o que laboriosamente
pilhais,
reverterá para o meu nome. E, mesmo,
será meu,
tido por meu, contado como meu,
até mesmo aquele pouco e miserável
que, só por vós, sem roubo, haveríeis
feito.
Nada tereis, mas nada: nem os ossos,
que um vosso esqueleto há-de ser
buscado,
para passar por meu. E para outros
ladrões,
iguais a vós, de joelhos, porem flores no
túmulo.
(SENA, 1988, p. 95)

Pepetela nasceu em 1941 (e divide dia e mês de aniversário com a autora deste texto – Outubro, 29), em Angola, à época uma colônia ultramarina portuguesa. Mais divulgado que o escritor lusitano, - que não contava com as tecnologias do século XXI em sua época, - não possui, entretanto, o título de “o maior” de todos os tempos, embora seja considerado um excelente escritor, lido e admirado em vários países. Camões e Pepetela, dois autores de língua portuguesa, estão separados por quatro séculos. Apesar da distância, escreveram sobre o mesmo evento histórico. Contudo, os relatos são feitos a partir de diferentes pontos de vista. Para Inocência Mata,

[...] por definição referencial, isto é, fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si. Isto impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa. As exceções são poucas: reportagens- testemunho, algumas crônicas textos intimistas para grupos restritos.

Um conflito igualmente importante levantado pelo escritor angolano é a presença divina, e não apenas a humana, em terras (e águas) africanas. Será analisada aqui a interferência cultural do colonizador (de maneira consciente ou não), que por ter sido tão forte e duradoura, permanece até hoje na sociedade africana, não

apenas em vestimentas, alimentação e outros hábitos similares, mas também nos meios religiosos. Pepetela tenta redefinir a consolidada narrativa da chegada dos portugueses em África ao apresentar aos leitores (o já conhecido fato) que naquela terra já existiam homens e que eles já possuíam língua, tradição, história, cultura e, o que mais interessa neste artigo, crenças religiosas.

1 - Estranhamento e conflito divinos

Ao propor a leitura de “Estranhos pássaros de asas abertas” (2003) como uma introdução ao Canto V de Os Lusíadas, pode parecer que Pepetela foi um pouco, ou até bastante ousado. Afinal é um escritor contemporâneo, natural de uma ex-colônia de Portugal, que contrária, de certa forma, um dos mais importantes escritores da literatura portuguesa (e digo isso sem titubear) de todos os tempos. Para Adriana Facina, “[...] analisar obras e autores consagrados implica pensar seus próprios processos de consagração como processos históricos, que envolvem conflitos, disputas, e que não são baseados em valores universais” (FACINA, 2004, p.32). Pepetela, ao não temer fazer uma leitura anti-camonianiana, conseguiu criar um dos mais belos contos da literatura de Angola.

O vate Luís de Camões, entretanto, ao publicar sua epopeia em 1572 possuía outra visão de mundo. E certamente Portugal era o centro daquele mundo, enquanto a África era, até então, pouco conhecida (e até mesmo ignorada). Segundo a supracitada autora, “[...] analisar visões de mundo e ideias transformadas em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente” (FACINA, 2004, p.25). Era algo comum para os artistas da época exaltar seu povo, mesmo que para isso precisassem colocar outros povos em uma posição de inferioridade em relação ao exaltado. Por esse motivo, Camões não teve

uma postura preconceituosa em relação à África, e sim uma atitude aceitável para a época. Assim como Pepetela não apresenta sinais de lusofobia ao propor uma alternativa de leitura ao Canto V. Ele assim faz para que os leitores percebam a existência de uma cultura africana anterior à chegada dos portugueses e, portanto, à publicação d’Os Lusíadas.

Segundo Walter Benjamin,

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada de que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. (BENJAMIN, 1994, p.223).

Luís de Camões provavelmente não foi fiel aos acontecimentos (neste caso, a chegada de Vasco da Gama em África), contudo ele fez o registro de maneira simbólica e literária, ignorando certos aspectos históricos e valorizando a memória do vencedor, o português, enquanto Pepetela, ao retomar o acontecimento, escreve do ponto de vista do vencido. Para Jacques Le Goff (1990, p.477), “a memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Entretanto, a memória serve, sim, o passado heroico lusitano, narrado por um homem igualmente lusitano. Segundo o supracitado autor, “devemos trabalhar para que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1990, p.477).

No conto, Pepetela alterna dois episódios de suma importância do Canto V: o encontro entre portugueses e africanos e a aparição do gigante Adamastor. Enquanto ocorre o encontro, Adamastor avista Tétis. Nesse momento ele questiona a presença de deuses da mitologia latina em África, onde já existiam outros deuses, antes da colonização portuguesa. Analisarei separadamente o encontro com os africanos e o

episódio dos deuses, o conflito terreno e o divino.

1.1 Uma introdução a Camões

Ao iniciar a leitura do conto deparamo-nos, abaixo do título, com a frase “Introdução ao Canto V de Os Lusíadas”. Quem já conhece o escritor angolano provavelmente irá desconfiar que se trata de uma ironia. Pepetela dialoga, sim, com o Canto V de Os Lusíadas, contudo, mais que uma simples intertextualidade, o conto questiona a presença dos deuses romanos em território africano. Luís de Camões, ao escrever a epopeia em 1572, inseriu tais deuses nos versos (e consequentemente, inseriu-os também em terras e águas africanas). Pepetela, ao propor uma introdução ao Canto V, questiona o poder daqueles deuses em África, pois lá mandam outros deuses, e narra uma nova versão do encontro dos portugueses com os africanos, diferente daquela narrada pelo poeta lusitano. Essa nova versão do encontro não prioriza a memória do vencedor, que fica, frequentemente, eternizada, e sim a do vencido, normalmente a esquecida.

Já no título, a palavra “Estranhos” remete o leitor a algo desconhecido, o que permite perceber o estranhamento desde o primeiro contato com os futuros colonizadores. Entretanto, essa escolha remete o leitor, mais uma vez, a Luís de Camões. O primeiro contato entre portugueses e africanos em Os Lusíadas é assim narrado: “Eis, de meus companheiros rodeado,/ Vejo um estranho vir, de pele preta” (CAMÕES, 2011, p.199). Tais versos encontram-se na estância 27 do Canto V, o mesmo proposto por Pepetela para ser introduzido pelo conto aqui analisado. Já o autor angolano narra dessa maneira o mesmo episódio: “[...] iam chegar grandes pássaros de asas brancas e dentro deles saía gente estranha [...]” (PEPETELA, 2009a, p. 227). Pois se para os portugueses aquela gente de pele preta era estranha, não pode ter sido

diferente a impressão que os africanos tiveram dos navegadores lusitanos, desde o primeiro contato.

Ao chegarem em África, os portugueses do conto angolano são vistos pelo africano como “seres estranhos [...] com o cheiro pestilento [...] e o seu aspecto desgrenhado de bandidos.” (PEPETELA, 2009a, p.228). Provavelmente os portugueses estavam sujos por estarem viajando há vários dias, em uma época em que as condições de higiene eram precárias. Esse mesmo encontro, mas agora camoniano, aparece de uma maneira diferente: “nem ele entende a nós, nem nós a ele,/ Selvagem mais que o bruto Polifemo” (CAMÕES, 2011, p.200). Por não entender a língua falada por Vasco da Gama e seus homens, o africano, que fora interrompido enquanto chupava tranquilamente um favo de mel, é considerado selvagem, bruto. Outro fator que diferencia os portugueses dos africanos, nas duas obras analisadas, é a vestimenta (ou a ausência dela). Se para os navegantes lusos a total nudez dos homens daquela terra era algo diferente (“Todos nus e da cor da escura treva” (CAMÕES, 2011, p.200)), para os africanos até as vestimentas dos portugueses eram estranhas, e mais surpreendente ainda era o fato de estarem transpirando excessivamente devido ao calor das terras ao sul do Equador e, mesmo assim, utilizarem tais roupas: “viram como vinham vestidos os cazumbis, morrendo de calor debaixo de grossas roupagens todas empapadas de suor” (PEPETELA, 2009a, p.230).

É comum utilizar o termo “estranho” para definir o colonizado, mas ao utilizar o mesmo termo para definir o colonizador português causa um estranhamento em quem ouve, pois se acostumou a pensar que o estranho é o outro, o nascido em África. Contudo, o outro, para quem está em África, é o português. E o outro, cá ou lá, é sempre um pouco diferente, ou, para usar uma palavra mais adequada a este artigo, estranho. Na citação abaixo, retirada de outro livro do Pepetela,

O desejo de Kianda (1995), essas formas costumeiras de definir colonizador e colonizado são tratadas de maneira irônica pelo narrador:

João Evangelista torceu a boca, sabes que esse nome tem uns relentos colonialistas, nós éramos os ultramarinos, os portugueses eram os metropolitanos, embora ultramar queira simplesmente dizer do outro lado do mar. Mas se alguém dissesse que Portugal estava no ultramar, era capaz de ir preso porque tinha insultado a pátria de Afonso Henriques, que essa tinha de ser tratada por metrópole, nome mais digno. (PEPETELA, 1997, p.32).

Para Boaventura de Sousa Santos ambos podem ser considerados como “outro”, tanto colonizador, quanto colonizado:

O outro-outro (o colonizado) e o outro-próprio (o colonizador [...]) disputam na identidade do colonizador a demarcação das margens de alteridade, mas, por assim dizer, a alteridade está neste caso dos dois lados da margem (SANTOS, 2010, p.246).

Entretanto, mesmo após o fim do colonialismo, ficou um resquício dos vocábulos que eram comumente utilizados para fazer referência aos portugueses e aos angolanos. Os portugueses continuaram presentes em Angola, fisicamente ou não, e com grande influência nos hábitos e na fala dos nativos, pois “[...] o fim do colonialismo político não representou o fim do colonialismo social” (SANTOS, 2010, p. 228).

Essa maneira como o ex-colonizado vê o ex-colonizador pode parecer, em certas vezes, preconceituosa, e não apenas irônica. Ou talvez o mais correto seja dizer ressentida, como na definição de outra personagem do Pepetela, no livro *O planalto e a estepe* (2009): “colonialistas são os que querem que os africanos sejam sempre inferiores, sem direitos de gente na sua própria terra” (PEPETELA, 2009b, p. 23).

Pepetela é detalhista ao relacionar o canto ao conto. No Canto V, o português aventureiro

que decide ir com os homens da terra chama-se Veloso (“Fernão Veloso a ir ver da terra o trato/ e partir-se co eles pelo mato” (CAMÕES, 2011, p.200)). Já no conto, os africanos, por diferenças na compreensão da linguagem, não conseguem perceber corretamente o nome do aventureiro, mas o autor, brincando com as palavras e consciente de que o seu leitor conhece a obra camoniana, - e se não conhece irá consultá-la – cria um nome parecido, deixando evidente a provável dificuldade na compreensão da linguagem entre os portugueses e os africanos naquele primeiro momento, como é comum ocorrer no contato com línguas desconhecidas: “Os outros espíritos chamavam o nome dele, Velôje, Velôje, mas não ligou, fez só um gesto para trás” (PEPETELA, 2009a, p. 231). Esse aventureiro, segundo Pepetela, desrespeitou as mulheres dos africanos. Mas ele assim o fez inconscientemente, por culpa de Vênus, que com Vulcano, Neptuno, Marte e Tétis causa uma confusão ao interferir em diversas situações em África, despertando a ira dos deuses locais e principalmente da deusa Kianda, a rainha das águas africanas.

1.2 Águas de África, águas de Kianda

A influência do colonizador em Angola foi tão forte e duradoura que afetou diretamente a cultura, inclusive a religiosa, como se pode perceber no trecho abaixo, do supracitado livro *O desejo de Kianda*:

- _ Tenho visto uns desenhos de Kianda. Metade mulher, metade peixe.
- _ Não – disse mais velho Kalumbo com súbita irritação. – Isso é coisa dos brancos, a sereia deles. Kianda não é metade mulher metade peixe, nunca ninguém lhe viu assim. Os colonos nos tiraram a alma, alterando tudo, até a nossa maneira de pensar Kianda. O resultado está aí nesse País virado de pernas para o ar. (PEPETELA, 1997, p. 99).

O diálogo acima se passa entre uma criança que ouve o canto de Kianda e a única pessoa que acredita nela, um velho cego e esclerosado. Originariamente, segundo o mais velho Kalumbo, Kianda não era sereia. Entretanto, por influências culturais, provavelmente europeias, ela passou a ser reproduzida como metade mulher, metade peixe. Um dos motivos da confusão pode ser devido ao fato de Kianda ser uma entidade que cuida das águas africanas. A influência ocidental foi tão forte que os próprios nativos de África, atualmente, fazem confusão quanto ao fato de Kianda ser ou não ser uma sereia. No Brasil ela não teve as pernas transformadas em cauda de peixe, mas ganhou roupas semelhantes ao manto de Nossa Senhora (a mãe de Jesus, na crença cristã), o que deixa evidente, mais uma vez, a força da imposição cultural do colonizador, de maneira consciente ou não. Contudo, não irei ater-me aos motivos dessa influência, pois exigiria uma extensa e detalhada pesquisa histórica, e esse não é o principal ponto de interesse para o desenvolvimento deste artigo.

Em “Estranhos pássaros de asas abertas” (2003), o autor apresenta a interferência não apenas em terra, feita pelos colonizadores, mas também divina, uma colonização espiritual, comandada pelos deuses do Olimpo. O autor alterna, na narrativa, as cenas em que aparecem os homens e as que aparecem os deuses, voltando sempre ao último ponto da história humana ou divina. Pepetela assim o faz para retomar a narrativa camoniana, em que homens e deuses também aparecem. Contudo, no Canto V os deuses aparecem como se já fizessem parte do território africano. Um desrespeito, mais uma vez, às culturas locais, já existentes (e com os seus devidos deuses) quando os herdeiros de Viriato

iniciaram as grandes navegações. Por esse motivo, Kianda, rainha das águas, revolta-se com a insolência de Neptuno, que na versão camoniana tem livre circulação em mares de África, mas na de Pepetela é rejeitado pelos deuses locais: “Kianda ficou com raiva, ali, naquelas águas só Kianda podia agitar as profundezas e criar calemas. Quem era esse Neptuno para vir ali, no seu reino, provocar o caos?” (PEPETELA, 2009, p. 230)

Era “Filho de Saturno [...] e de Reia, irmão de Júpiter e de Plutão. Deus do mar, casou com Anfitrite. Representavam-no os antigos, ordinariamente, com um tridente na mão, sobre um coche tirado por cavalos marinhos.” [5] Mas isso não importava para aquele povo com outras crenças e histórias. A alternância entre humano e divino no conto, utilizada pelo autor, deixa evidente a intenção deste em fazer, mesmo que indiretamente, uma comparação entre os deuses e os portugueses, pois os deuses nos textos aqui analisados agem como os conquistadores lusos, que invadiam terras alheias impondo sua cultura e seu modo de vida e desrespeitavam, dessa forma, as tradições locais. Entretanto, na obra camoniana eles não apenas são exaltados, como permitem que os portugueses sigam viagem. Enquanto que na obra de Pepetela eles são (quase) impedidos de seguir em frente, e só o fazem porque desrespeitam os deuses locais. Os deuses da mitologia romana provocaram conflitos ao incitarem o desejo de Veloso e agitarem as águas, causando, conseqüentemente, a ira dos deuses locais. Aqueles simbolizam os colonizadores, que se apossaram da terra como se antes da sua chegada não houvesse ninguém naquele lugar. E os deuses locais, assim como os habitantes, sentiram-se, com razão, desrespeitados em seu próprio território.

5 Explicação de Emanuel Paulo Ramos, organizador da edição de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, utilizada como referência bibliográfica para a elaboração deste artigo, à página 617.

Considerações finais

A história, mesmo a oficial, sofre mudanças. Os africanos, considerados vencidos pela história mais conhecida, não conseguiram impor a sua versão dos fatos ocorridos em 1498, ano da famosa viagem de Vasco da Gama às Índias. Entretanto, tentam, ainda hoje, manter viva em suas tradições a sua narrativa, mesmo que extra-oficial, mas nem por isso menos verdadeira. Suas histórias ainda estão sendo reescritas e recontadas, e talvez ainda demore algum tempo para que se tornem oficiais. Contudo, quando isso acontecer, provavelmente elas substituirão as narrativas antigas e legitimarão a verdadeira história das terras africanas, que antes da chegada dos portugueses já estavam no mesmo lugar em que se encontram hoje, e por este motivo, não foram descobertas. Para Adriana Facina,

é inegável que há um senso comum que tende a naturalizar os critérios que ajudaram a consagrar determinados autores e obras, ou a condenar tantos outros ao esquecimento. Nesse sentido, é necessário para aqueles que pesquisam literatura e literatos historicizar radicalmente seu objeto. Por mais que autores como Dostoiévski tenham muito a dizer à nossa época, sua obra é fruto de seu tempo e, portanto, é historicamente situada. (FACINA, 2004, p.9).

Vencedores ou vencidos, o que Pepetela pretende com o conto é mostrar que os africanos foram desrespeitados em seu próprio território, não foram questionados se aceitavam aqueles homens estranhos em suas terras e muito menos se concordavam com a imposição cultural feita por eles, foram considerados brutos, ignorantes, selvagens, quando eram apenas diferentes dos portugueses. Essa diferença, contudo, também era sentida do outro lado. Em África o diferente era o homem português, com muitas roupas, mesmo debaixo do sol e com o cheiro forte. Entretanto, o homem lusitano não deu o devido valor ao

africano do conto (e do Canto). Em um artigo em que trata da opção descolonial, Walter Mignolo (2008) observa que :

[...] o valor de vidas humanas a qual pertence a vida do enunciador, se torna uma vara de medida para avaliar outras vidas humanas que não tem opção intelectual e poder institucional para contar a história e classificar os eventos de acordo com uma classificação de vidas humanas : ou seja, de acordo com uma classificação racista. (MIGNOLO, 2008, p.294).

Para a história ficou a heroicização de Vasco da Gama, que ganhou força por Luís de Camões narrar seus feitos em *Os Lusíadas*. Mas para as diversas culturas dos vários povos de África ficou o ressentimento, o esquecimento, a tristeza por verem sua terra apossada por mãos estranhas. Ficaram palavras por dizer, pois o autor traduz apenas em parte o sentimento do seu povo. Entretanto, o leitor pode perceber o não dito do conto, sendo ele de um povo ex-colonizador ou ex-colonizado. Nas palavras de Vergílio Ferreira, “[...] o que mais importa numa obra de arte é o que ela não diz. É o não dizer que hoje sobretudo se pode dizer. O fragmento ou o inacabado acentua a voz do imaginário, antes de ser a do perfeito silêncio.” (FERREIRA, 1993, p. 164) Pode-se sentir a grandeza do ressentimento na maneira como o autor encerra o conto aqui analisado:

E passaram atrevidamente ao largo dele, imparáveis, os barcos daqueles espíritos indômitos que tiveram o valor de vergar as vontades de deuses. Mas que outros deuses e valores irremediavelmente ofenderam. (PEPETELA, 2009, p. 232).

Deve-se, portanto, compreender que o texto camoniano foi escrito no século XV, com a mentalidade daquela época. O de Pepetela, do século XXI, expõe os ressentimentos acumulados ao longo dos muitos anos de colonização, mas também de trocas culturais. Para Facina, “é

preciso entender a lógica das visões de mundo, dos juízos de valor e das opiniões políticas que os escritores elaboram em seus textos” (FACINA, 2004, p.46). Pode parecer que Pepetela, como representante do país colonizado, demonstra um certo ressentimento em relação aos portugueses, antigos colonizadores de Angola, sua terra natal. Entretanto, o mesmo Pepetela, como representante do país colonizador (o escritor descende de uma família colonial portuguesa, embora seus pais tenham nascido em Angola) compreende que Luís de Camões, o maior poeta da Língua Portuguesa, escreveu em uma época em que a ideia da superioridade de Portugal era difundida, mas não era a mesma de um século antes, o que provavelmente estimulava ainda mais o hábito de exaltar os feitos da nação de Afonso Henriques (Camões publicou sua grande obra *Os Lusíadas* em 1572; Filipe II de Espanha tornou-se Rei de Portugal em 1581; a coroa só retornaria a um monarca português em 1640, quando Dom João IV tornou-se Rei de Portugal, o primeiro da Dinastia de Bragança). Pepetela compreende. E decidiu, por esse motivo, homenagear Camões, embora tenha escolhido uma maneira pouco convencional. “Estranhos pássaros de asas abertas” é, portanto, uma releitura da obra camonianiana a partir da imaginação de um angolano com ascendência lusa. Afinal, Pepetela é o resultado desse encontro entre portugueses e africanos. Para concluir, pego emprestadas as palavras de Ana Mafalda Leite, que define melhor do que eu o que essa releitura representa : “[...] somos todos inocentes dessas páginas da história passada, somos até parecidos, partilhamos muitos séculos de trocas culturais. Somos lusófonos.” (LEITE, 2003, p.23).

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, 2011.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

FERREIRA, Vergílio. *Pensar*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1993.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

MATA, Inocência. *Laços de memória e outros ensaios sobre literatura angolana*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2006.

MIGNOLO, Walter D. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política” In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, 2008, n. 34, p. 287-324.

PEPETELA. “Estranhos pássaros de asas abertas”. In: ALMEIDA, Domingas Econgong [de]. (Org.). *Como se viver fosse assim*. Luanda: Editora Sete Egos (UEA), 2009a, pp. 227-232.

_____. *O desejo de Kianda*. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

_____. *O planalto e a estepe*. São Paulo: Leya, 2009b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SARAIVA, Antonio José. *A cultura em Portugal: teoria e história*. Lisboa: Gradiva, 1994.

SENA, Jorge de. Poesia II. Lisboa: Ed. 70, 1988.

Artigo enviado em: 17/05/2014

Aceite em: 29/03/2015